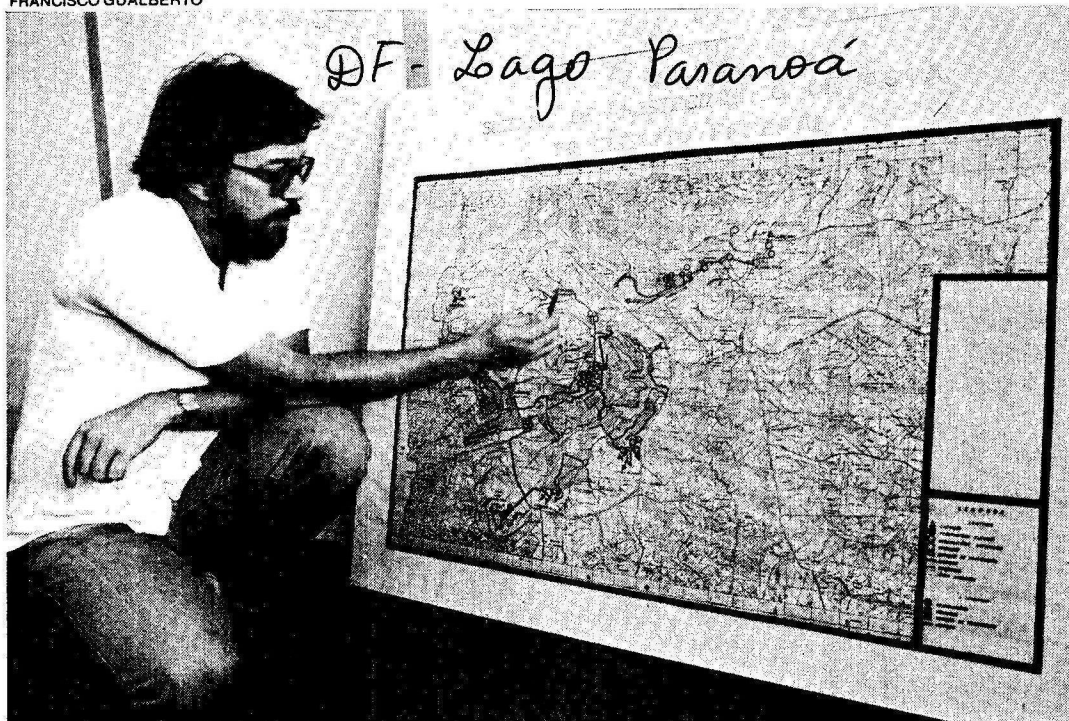


FRANCISCO GUALBERTO



Carlos Fernandes aponta as áreas mais críticas com o assoreamento no Lago

Lago corre risco de virar pântano

O assoreamento provocado pelo desmatamento e a consequente erosão em faixas de terras localizadas na sua bacia hidrográfica, já produz efeitos danosos no Lago Paranoá, transformando alguns trechos em pântanos. O diagnóstico aparece nas conclusões iniciais da equipe de técnicos do GDF que trabalha no levantamento da situação ambiental do Distrito Federal, que pretende cobrir toda a área do quadrilátero a partir do estudo das bacias do Paranoá, Descoberto e São Bartolomeu.

O trabalho envolve técnicos do Instituto de Tecnologia Alternativa, Secretaria de Erosão, Coordenadoria de Meio Ambiente e Secretaria Especial de Meio Ambiente e Tecnologia e tem utilizado basicamente o método de comparação de fotos aéreas feitas em 1965 e em 1982. A primeira parte do trabalho — estudo do Lago Norte — já foi concluída e permitiu aos técnicos colher conclusões também sobre a situação do Lago Sul, onde o problema do assoreamento (depósito de detritos e areia no fundo do lago) aparece com maior gravidade.

Um dos exemplos de transformação de trechos do lago em pântanos está à mostra num dos dois braços existentes na Asa Sul. Junto à chamada invasão da Telebrasil. Uma extensa faixa antes ocupada pelas águas foi transformada em pântano, por conta do acúmulo sistemático de materiais arenosos transportados pelo Riacho Fundo, que ali tem o seu delta. Com a sedimentação do fundo do lago, a vegetação começou a proliferar rapidamente, tomando a área onde antes havia apenas água. A cor da água do riacho — avermelhada — é uma evidência da cadeia de problemas existente na bacia.

“O que ocorre é que no Lago Sul há um maior número de assentamentos e não se cuidou de recompor o ambiente na área. Na primeira fase da cidade, retirou-se, em muitas áreas, grande quantidade de areia que não foi reposta depois. Com isso, as águas pluviais se encarregaram do restante, carregando para o leito do ribeirão a areia que a ausência de cobertura vegetal já não permitia fixar e que é despejada no lago

onde o riacho tem seu delta”, explicou Milton da Costa Filho, geógrafo do ITA.

O processo tem ocorrido também no outro braço do Lago Sul, onde se situa o delta do Ribeirão do Gama. Carlos Fernandes, ecólogo e coordenador-substituto da Coama, afirma que “a situação é mais crítica no Lago Sul”, em função da maior densidade de assentamentos ocorridos ao longo da história de Brasília. “No Lago Norte, além dos assentamentos serem em menor número, há a proteção formada pelo Parque Nacional”.

O estudo ambiental em andamento pretende dimensionar o exato alcance das agressões ao meio ambiente durante o curso da ocupação do solo no Distrito Federal e funcionar como suporte indispensável à ampliação das áreas urbanas, evitando novos danos e tentando reparar os já cometidos anteriormente. E as amostras de agressões recolhidas pelos técnicos não se limitam aos números que dimensionam o volume das áreas do Lago Paranoá tomadas pelo assoreamento.

Há exemplos até mesmo de cursos d'água virtualmente desaparecidos em função da ca-

deia desmatamento-erosão-assoreamento. É o caso do córrego Mata-gado, entre as QI's 17 e 19, no Lago Sul. O assoreamento do fundo do córrego levou à modificação do seu leito original e à destruição da chamada mata ciliar (vegetação natural que cobre as margens dos cursos d'água), apodrecida pelo transbordamento da água. “O dano mais grave é que as matas ciliares são o refúgio da fauna desses ambientes. Com a sua destruição, todo o ambiente é alterado e a fauna sofre as consequências disso”, explicou Carlos Fernandes.

A manutenção desse estado problemático implicará no aumento das áreas pantanosas hoje em formação, diminuindo progressivamente a área original do Paranoá. Para estrangular o ciclo evolutivo das agressões ao meio ambiente, Carlos Fernandes destaca que o GDF vem executando várias ações preservatórias.

O ecólogo destaca a criação da Secretaria de Erosão, que atua em consonância com os demais órgãos existentes, tentando implementar uma política de ação conjunta que reverta o quadro formado durante os governos anteriores.

Assoreamento aumenta mais

Os números da comparação de fotos aéreas do Plano Piloto feitas em diferentes épocas — 1965 e 1986 — são um testemunho das agressões praticadas contra o meio ambiente de Brasília ao longo da existência da cidade. No Lago Sul, em 1965, havia 8 mil metros quadrados de sedimentos apenas no delta do ribeirão do Gama. Em 1986, há 53 mil 400 metros quadrados. Ou seja: 666% a mais. No delta do riacho Fundo, os números são mais expressivos: 19 mil 200 metros quadrados em 1965 contra 340 mil 200 metros quadrados em 1986. Ou 1 mil 770% a mais.

No Lago Norte, os números são mais modestos, pelas razões já mencionadas pelo coordenador-substituto da Coama. No delta do ribeirão Bananal, havia 1 mil 600 metros quadrados de sedimento

em 1965; em 1986 constatou-se um aumento de mais de mil por cento elevando a sedimentação da área para 16 mil 200 metros quadrados.

Os números referentes à destruição das matas ciliares também ressaltam os danos ambientais: os 821,16 hectares existentes em 1965 reduziram-se a 717,60 hectares em 1982 (os dados disponíveis nesse item não cobrem os anos até 1986). Uma diminuição, portanto, de 103,56 hectares (ou mais de 10%) em 17 anos.

O último indicador pesquisado refere-se à área decapada (faixas de terras desmatadas e que tiveram sua camada superficial de cascalho igualmente destruída). Em 1965, 561,96 hectares de área decapada; em 1982, 1 mil 304,48 hectares. Um aumento de 742,25 hectares ou de 230% em 17 anos.